

Impactos dos ambientes digitais nos roteiros sexuais de adolescentes

*Pablo López Gómez
Valeria Ramos Brum*

Introdução

Desde 2015, no marco do Programa “Género, sexualidad y salud reproductiva” (Facultad de Psicología – Universidad de la República), realiza-se uma linha de pesquisa sobre adolescência e sexualidade. A linha procura conhecer quais são as continuidades e novidades em relação aos processos de subjetivação e socialização sexual dos(as) adolescentes uruguaios(as) no contexto da revolução digital global.

O presente artigo apresenta alguns resultados de dois projetos associados a esta linha:

(a) adolescentes e sexualidade. Identidades, mensagens e relações afetivo-sexuais através de redes sociais, cujo responsável científico é o Dr. Pablo López Gómez, que procurou descrever o tipo de atividade sexual realizada por adolescentes de Montevideu na internet e quais os significados que lhe atribuem. Este foi um estudo misto em duas etapas. A primeira consistiu em grupos focais (seis grupos focais, dois por nível de renda – alto, médio e baixo – nos quais participaram 41 adolescentes entre 15 e 19 anos de idade); uma segunda etapa em que foi realizada uma pesquisa, cuja amostra (N=396, extraída do banco de dados da “Pesquisa Domiciliar Contínua” do Uruguai) é representativa dos adolescentes de Montevideu e sua área metropolitana, com uma margem de erro +/- 5%; e

b) início da vida sexual, subjetividade e tomada de decisões na adolescência, cuja responsável é a Mag. Valeria Ramos Brum, por ocasião de sua tese de doutorado. Esta pesquisa foi qualitativa e incluiu 26 entrevistas em profundidade com adolescentes masculinos e

femininos de 18 e 19 anos, de diferentes níveis socioeconômicos e orientações sexuais.

Ambos os projetos exploraram as mudanças que os ambientes digitais provocaram nas formas em que vivemos a sexualidade e os processos que nos fazem sujeitos sexualizados e sexuais, revisitando a teoria dos roteiros sexuais (Simon e Gagnon, 1964). Embora esta teoria seja anterior ao advento da Internet, seus fundamentos teóricos ainda têm potencial analítico. Baseia-se no entendimento de que, ao se considerar o efeito dos ambientes digitais na vida das pessoas, é possível expandir as possibilidades desta teoria e ajudar a compreender os fenômenos da adolescência de hoje. Neste trabalho apresentaremos, sob esta perspectiva, duas das áreas investigadas nos projetos: a) o impacto dos ambientes digitais – percebido pelos adolescentes – na construção da identidade sexual e em suas interações sexuais; e b) as mudanças e continuidades em suas práticas sexuais na era digital.

A estrutura teórica de ambos os projetos será brevemente delineada antes da apresentação destes resultados, esboçando, em traços gerais, a teoria dos roteiros sexuais e como ela foi modificada pelo advento da cultura digital.

Os roteiros sexuais

A teoria dos roteiros sexuais é uma das teorias sociológicas mais relevantes sobre sexualidade – também definida como uma *perspectiva teórica* (*Sexual Scripting Perspective*). Foi desenvolvida a partir dos anos 1960 por John Gagnon e William Simon (1973) e trata-se de uma aplicação da teoria dos roteiros sociais à sexualidade, com o desenvolvimento próprio que essa interseção requer.

Esta teoria afirma que os sujeitos vivem sua sexualidade através do uso de certas narrativas ou sequências que funcionam como cenários nos quais os atos, relações e significados da sexualidade se inscrevem

organizados em histórias. Esses cenários funcionam como guias de orientação ou de leitura que permitem aos sujeitos situar-se e dar sentido sexual às sensações, às situações, aos propósitos e aos estados corporais (Bozon, 2002). De acordo com essa teoria, pouco da sexualidade humana é espontâneo, já que aprendemos um roteiro elaborado que nos diz *quem, que, quando, onde e por que* fazemos ou *que* fazemos (Hyde e Delamater, 2007).

Ademais, os roteiros intervêm na produção do desejo sexual, que nas sociedades contemporâneas tornou-se um componente importante na construção do *si mesmo*. Todo encontro sexual entre seres humanos, diferente do que ocorre entre os outros animais, está longe de ser natural (Bozon, 2004), pelo que, para esta teoria, a experiência do desejo sexual se aprende em um contexto – os cenários culturais – com condições interpessoais e intrapsíquicas específicas (Simon e Gagnon, 2003).

Os cenários culturais são as representações, os códigos e valores estabelecidos pela sociedade e que permitem ou coíbem determinadas expressões sexuais. Os roteiros sexuais se vinculam com as biografias sexuais e com as características socioculturais em cada contexto específico, em especial com aquelas que deixaram marcas na vida sexual e afetiva de quem as vive. Todo roteiro sexual deve, além disso, permitir a convergência de três registros: 1) o registro *cultural*, que leva em conta as representações da literatura, do cinema e dos meios de comunicação; 2) o registro *interpessoal*, que diz respeito às interações entre os atores envolvidos, às respostas dos atores ao mundo externo; e 3) o registro *intrapsíquico*, que se refere às emoções, aos desejos, às fantasias e aos medos envolvidos na vida sexual e afetiva dos sujeitos (Gagnon e Simon, 2003).

Esta teoria postula que é possível analisar padrões de comportamento observados no contexto social e que os roteiros sexuais definem a aceitabilidade do comportamento sexual em um tempo, espaço e contexto específicos (Gagnon e Simon, 2003).

Roteiros sexuais na cultura digital

A teoria dos scripts sexuais, subsidiária do construcionismo social (Berger e Luckmann, 1968), colocou, nos anos 1980, a experiência *cara a cara* como um dos fenômenos centrais de análise. Assim, o roteiro sexual era aprendido principalmente através destas experiências ao longo da vida – em interações com a família, instituições educacionais, locais de trabalho –, agentes de socialização por excelência. Entretanto, a partir daquele momento, outros agentes começaram a ser vistos como produtores de roteiros a serem apropriados: os mecanismos de difusão cultural como música, cinema, televisão e literatura enviavam mensagens sobre em que consistiam os papéis sexuais e como seriam desempenhados, mesmo sem a presença dos emissores. Estas mensagens foram, além disso, enviadas a um outro desconhecido e massivo, e sua produção se restringia a certos atores que tinham o poder de ampliá-las. No entanto, os roteiros aprendidos por meio de mensagens da mídia continuaram a ser colocados em jogo na experiência *cara a cara*, com exceção de fenômenos muito marginais de relacionamentos por carta ou telefone.

A literatura atual sobre os ambientes digitais e produção de subjetividade se detém na observação de outros fenômenos, que, por enquanto, não substituíram ou deslocaram a experiência *cara a cara*, mas que vêm ocupando, cada vez com mais força, um lugar muito relevante na construção da subjetividade. Através dos ambientes digitais se acessa um universo massivo de mensagens de todo tipo. Os algoritmos das redes sociais – incluídas as que se dirigem ao entretenimento como YouTube e TikTok ou as focadas no intercâmbio de opiniões como Twitter – sabem – cada vez com maior eficácia – sobre seus usuários e os conectam com um universo de opiniões e mensagens que coincidem com seus gostos e interesses. Além disso, um insondável campo de informação e de mensagens está à disposição de quem “pergunta” ao

Google – para nomear o buscador mais utilizado – e o conteúdo acessado dependerá de como o usuário realizar a busca. Nem a televisão nem nenhum outro meio anterior à internet permitia essa possibilidade, já que apenas difundiam conteúdos variados, mas padronizados, para o consumo a partir de um papel passivo. Os ambientes digitais permitem ingressar ao universo de mensagens e interatuar com ele, gerando mensagens próprias e habilitando especialmente a interação com outros que se conectam ao mesmo universo de mensagens a partir de um papel ativo. Esta interação se dá em uma dimensão digital, não material, e não requer encontros *cara a cara* para ter eficácia na produção de subjetividade.

Essa possibilidade supõe uma mudança nos modos em que os(as) adolescentes aprendem e reproduzem os roteiros sexuais. A literatura especializada na área valorizou esse novo fenômeno de diferentes maneiras: há estudos que destacam aspectos positivos e outros que têm ressaltado os efeitos mais negativos dos diversos fenômenos que acontecem na rede. O'Reilly, Dogra, Levine e Donoso (2021) realizaram um completo estado da arte a propósito dos efeitos dos meios digitais sobre a saúde mental dos adolescentes. Esse trabalho organiza as investigações na área em três retóricas (o bom, o mau e o feio), mas, ao mesmo tempo, propõe uma mudança nas formas em que se investigam esses fenômenos, retirando do centro de atenção o uso dos ambientes digitais para levá-lo a quais são as características, habilidades e o apoio de quem os usam. Nesse sentido, Hamilton, Nesi e Choukas-Bradley (2022: 1) sinalizam para “afastar-se dos enfoques reducionistas e ir para uma perspectiva mais matizada para entender o quem, o que e o quando o uso dos meios sociais e seu impacto no bem-estar dos adolescentes”.

Os resultados que se apresentam a seguir são fruto de dois estudos realizados a partir dessa premissa: buscam descrever a atividade dos adolescentes em rede, identificar o impacto em suas vidas sexuais e os significados que eles(as) lhes dão. O “bom”, o “mau” ou o “feio”

depende da experiência subjetiva concreta, isto é, do contexto da situação e de seu protagonista, que tem uma classe social, está em um momento de sua história de vida, com determinadas habilidades mais ou menos desenvolvidas.

Impacto dos ambientes digitais na identidade sexual e a busca de interações sexuais

Nas entrevistas realizadas no estudo *Início da vida sexual, subjetividade e tomada de decisões na adolescência*, perguntou-se se os ambientes digitais são parte da sexualidade e da vida sexual das pessoas. De forma unânime, os(as) adolescentes responderam que sim, que são uma parte muito importante e foram assinalando uma diversidade de experiências que podem ser vividas on-line. Cabe assinar que nem sempre esses relatos se referem a suas próprias experiências. Em algumas ocasiões, narram sobre certas práticas ou oportunidades que os ambientes digitais oferecem, que nunca fizeram, mas que fazem parte do repertório de atividades de sua geração. Essa sinalização é importante para conservar a fidelidade ao dado, mas não tem consequências teóricas contundentes: do ponto de vista dos roteiros sexuais (Bozon, 2002), o fato de que o sujeito identifique uma prática como parte do roteiro sexual de sua geração coloca essa prática no seu horizonte de possibilidades.

Os roteiros são aprendidos, mas isso não supõe uma apropriação subjetiva nem a obrigação de viver de uma vez todas as possibilidades e limites que eles oferecem. Tampouco significa que qualquer experiência ou possibilidade que se conheça forme parte da própria vida sexual. No entanto, o que compõe o repertório de experiências comuns de uma geração provavelmente desafia de alguma forma a subjetividade da pessoa em algumas ocasiões. Por exemplo, pode ser que uma pessoa não deseje (no momento) participar de intercâmbios de material sexual mediados pela tecnologia. Entretanto, pode ser incentivada a fazê-lo,

porque esses intercâmbios formam parte do roteiro de sua geração. Concordando ou não, essa prática do roteiro passa a fazer parte de sua vida sexual na medida em que teve que tomar uma decisão sobre ela. Além desse exemplo concreto, ao longo das entrevistas observam-se muitas atividades que têm esse caráter: realizadas por algumas pessoas e rejeitadas por outras (mas identificadas como parte do repertório da geração), formam parte, indiscutivelmente, da vida sexual de todos(as).

Esse fato pode explicar a resposta unânime dos(as) entrevistados(as) de que os ambientes digitais, sim, são importantes em suas vidas sexuais. O valor não está conformado exclusivamente por suas próprias experiências, senão por uma ampla gama de possibilidades das quais são testemunhas.

A troca que os meios digitais e, em especial, o acesso à internet no horizonte de possibilidades de sua geração são vistos de forma explícita por alguns(mas) entrevistados(as), que sustentam que a internet brinda maior acesso a tudo em geral, inclusive a novas pessoas, vínculos e encontros sexuais. Entendem que a tecnologia ajuda a tudo que está referido ao campo da sexualidade, assim como faz com outra infinidade de áreas da vida das pessoas.

As quatro vinhetas seguintes se referem a distintas dimensões dessa mudança: a) as primeiras duas sinalizam para a possibilidade de reconhecer identificações possíveis na atividade on-line dos demais, ou seja, de habilitar repertórios culturais além dos conhecidos de forma imediata; b) a terceira e a quarta se referem às possibilidades de acesso a parceiros sexuais e às facilidades que há para eles em comparação com as gerações anteriores, assim como aos modos de comunicação dos desejos de sedução on-line. Os quatro exemplos foram eleitos entre vários outros que relatam ideias ou experiências similares às transcritas.

A primeira vinheta escolhida narra uma experiência de descobrimento da própria sexualidade a partir de informação e interações on-line:

(...) me parece que primeiro é perguntar, buscar informação. A mim, também foi isso... que me disse que poderia estar com garotas e que estava bem, que havia diferentes maneiras de gostar delas... Na verdade, comecei a dizer: “Bem, talvez eu não me apaixonasse por uma mulher, nunca gostei delas, mas eu poderia chegar a ter relações sexuais”, e isso é algo em que eu nunca teria pensado se não tivesse me deparado com essa possibilidade nas redes. Você tem a possibilidade de falar com outras pessoas mais livremente (Sol, lésbica, NSE alto).

Em uma etapa de exploração e de início da vida sexual compartilhada na adolescência, na qual a busca de experiências se vê limitada pelo repertório que se habilita culturalmente, uma ampliação dessas possibilidades pode ser muito enriquecedora, em especial para aquelas pessoas cujas inquietudes não se adaptam a esse repertório. O’Reilly, Dogra, Levine e Donoso (2021) assinalam:

Através do mundo digital os adolescentes podem desenvolver sua autonomia e interagir com outros... a troca de ideias e o desenvolvimento da identidade em rede pode ser especialmente útil para os adolescentes que estão desenvolvendo identidades através das quais expressam sua diferença.

A vinheta anterior vem de uma adolescente que declara, no momento da entrevista, ser lésbica, e condensa nessa declaração um processo de descobrimento. Desde “poderia ter relações, mas não namorar”, ou “nunca gostei delas”, até sua atual identificação como uma mulher lésbica, interveio, por um lado, sua curiosidade (mostrava a possibilidade de ter relações com outras mulheres) e, por outro lado, para encontrar um espaço onde essa possibilidade fosse viabilizada, as redes sociais.

A segunda vinheta escolhida aponta para o mesmo fenômeno de “conhecer-se” nas redes, ou melhor, de ir achando mensagens e modelos para construir identidade:

Eu não conheci a mim mesma pelas redes sociais, eu de menina não tinha acesso às redes sociais. Hoje você vê crianças de três anos olhando de tudo, e vídeos e tudo, onde aprendem, conhecem, veem coisas diferentes, que talvez eu não os tivesse visto até os dez anos de idade, porque nunca os havia assimilado nem nada (Luz, heterossexual, NSE médio).

Esta vinheta não se refere a uma experiência pessoal, mas a como a adolescente presencia mudanças geracionais, não em relação aos mais velhos, mas aos mais novos. Observe como as crianças, sendo ela uma adolescente, “se conhecem” na rede, pois interagem com ela desde cedo. Essa ideia, expressa na linguagem da adolescente entrevistada, propõe a diferença entre: “se conhecer ou não se conhecer a si mesmo na rede”, que inclui descobrir o mundo através dos ambientes digitais, o que supõe uma transformação substancial dos modos de produção de subjetividade.

As narrativas das pessoas nos ambientes digitais, em especial nas redes sociais, ao mesmo tempo que vão configurando e dando sentido à realidade e aos próprios cenários virtuais de interação, são também narrativas sobre si mesmas, imprimem sentidos sobre si e vão modelando a identidade (Stengel, Moreira e Lima, 2015). Esse fenômeno vai além das formas específicas de produção social da sexualidade (López, 2020), mas claramente afeta essa produção, social e subjetivamente. Assim como a subjetividade é impactada pelas mensagens da rede, a construção do sujeito como ser sexual e sexuado também é. A qualidade desse impacto não pode ser descrita de forma geral: depende de cada história e de cada sujeito. Mas as formas como as redes afetam os roteiros sexuais das gerações têm necessariamente um correlato que se transfere, de forma única, mas iniludível, para a experiência subjetiva.

A terceira vinheta se refere às facilidades que brindam os ambientes digitais para encontrar parceiros. Os(as) adolescentes entrevistados(as) identificam aplicativos específicos, como Tinder ou Badoo, para conhecer gente e encontrar parceiros sexuais e outras plataformas, como Instagram e WhatsApp (e, em muito menor medida, Facebook) que, se não são bem específicos para isso, também são uma via importante de acesso e oportunidades.

Agora você abre o celular e baixa o aplicativo e depois, em cinco minutos, você coordena com uma pessoa e é isso, talvez seja a primeira vez que você faça isso. Agora para pessoas que têm doze ou treze anos, você baixa esse aplicativo e pronto, como que é mais fácil, entre aspas,

iniciar sua vida sexual (Lucas, heterossexual, NSE alto).

Ao falar sobre esse tema nas entrevistas, os adolescentes colocam a ênfase na rapidez e na acessibilidade tanto a pensamentos diversos como a pessoas concretas com as quais podem estabelecer uma sexualidade compartilhada, seja física ou mediada pela tecnologia. Há quem identifica que os ambientes digitais têm mudado a forma de relacionamento interpessoal, brindando maior dinamismo e continuidade, e destacam a possibilidade atual de que, através de um algoritmo, se possa encontrar, em minutos, uma pessoa com os mesmos gostos e interesses que os próprios, algo que antes era impensável. Não obstante, também consideram que há alguns perigos neste tipo de encontros, em especial quando são pessoas desconhecidas.

A maioria dos(as) entrevistados(as) heterossexuais não utiliza aplicativos de encontros habitualmente. Vários rapazes e algumas adolescentes dizem ter baixado de modo exploratório para conhecê-los e prová-los, ainda que logo não lhes parecessem atrativos, por isso não seguiram usando-os. A lógica de “catálogo de corpos” e a dinâmica desses aplicativos são o que eles acham mais chato.

Eles mencionam como razões para começar a usar as redes sociais on-line, principalmente conhecer amigos(as) ou aproximar-se de pessoas conhecidas de suas amizades, o que então lhes permite se envolver em diferentes tipos de vínculos. É nesse contexto em que mais encontram a possibilidade de buscar parceiro ou de vincular-se com fins sexuais. Esta dinâmica é mais atraente para eles, é parte de sua cotidianidade como adolescentes e lhes parece ser algo mais da ordem do natural. Poder-se-ia pensar que isso é uma extensão de uma forma tradicional de conhecer pessoas, no círculo próximo, através de amigos ou conhecidos, só que na internet é muito mais rápido e acessível.

Esses resultados da pesquisa qualitativa coincidem com os dados do questionário realizado no mesmo período. Apenas 16,1% dos participantes declararam ter utilizado no último ano aplicativos para

conhecer pessoas com fins eróticos/afetivos. Contudo, 32,9% dos entrevistados declararam ter concretizado nesse mesmo período algum encontro com uma pessoa que conheceram através de um aplicativo ou de uma rede social (Facebook, Instagram ou outra), que previamente não conheciam pessoalmente (os encontros com conhecidos são muito mais). Dessa porcentagem 43,5% declararam ter tido relações sexuais nesse tipo de encontro (ou seja, 14% do total). A pergunta se referia a sua atividade no último ano e não em toda sua vida, portanto, pode ter atividade histórica que se desconheça. No entanto, é consistente com o que os adolescentes responderam na entrevista: claramente faz parte do repertório de possibilidades de seu tempo, embora não seja o mais comum e quase um terço o tenha explorado.

Nos grupos focais realizados como preparação para o questionário também se perguntou sobre relações amorosas iniciadas com pessoas que conheceram pela internet. Vários(as) participantes tinham histórias próprias e quase todos conheciam histórias de terceiros, incluindo não só contatos ocasionais, mas também relacionamentos duradouros formados a partir das redes sociais. Nos grupos focais de classe alta apareciam também histórias de amor internacionais, com declarações de “namoro” através da web, com pessoas que nunca tinham se visto fisicamente.

Quanto ao número de encontros sexuais com pessoas conhecidas apenas pela internet pelos adolescentes que responderam ter tido esta experiência, parece que aqueles que o fazem a incorporam como prática habitual. Cinquenta por cento tiveram três ou mais encontros no último ano.

O questionário também perguntou sobre as medidas de segurança que os(as) adolescentes tomam durante esses encontros. A medida mais popular e, sem dúvida, uma das mais importantes, é encontrar-se em um lugar público. No entanto, isso não elimina todo o perigo, por isso seria desejável tomar outras precauções. De fato, nos grupos focais houve relatos de más experiências por não tomar medidas de segurança. Ao

analisar as medidas de segurança adotadas e sua frequência de uso, quase 70% responderam sempre ou quase sempre, dado que sobe cinco pontos quando se analisa só as mulheres. Como se vê também em outros indicadores do questionário, a tendência majoritária dos adolescentes é cuidar-se. Entretanto, um número menor deles corre riscos importantes, eventualmente, podendo gerar danos que nem sempre chegam a ser publicizados.

A quarta vinheta apresentada, com a qual se fecha esta seção, também se refere aos contatos através das redes, mas inclui um exemplo das formas pelas quais os(as) adolescentes expressam mensagens sobre sexualidade através da internet e procuram contatos sexuais.

Ter comunicação já significa que se você não pode ver uma pessoa hoje e... para lhe dar um exemplo, você tem a casa sozinha e se uma pessoa diz “pah, olha, não podemos nos ver!”, você envia uma mensagem para outra pessoa e já nesse contato você sabe que em meia hora ela pode estar em sua casa, é algo que também muda um pouco... (Teo, heterossexual, NES médio).

No relato do adolescente aparece, por um lado, um elemento de conjuntura – ter a casa sozinha – e, por outro, seu desejo de ter relações sexuais. Neste exemplo, com quem não é importante e a comunicação digital aparece como um facilitador para encontrar um parceiro casual. Como ele afirma, se alguém não pode, outra pessoa pode. O fato conjuntural, “ter a casa sozinha”, viabiliza a possibilidade que o adolescente transforme em convite. Depoimentos muito semelhantes surgiram nos grupos focais preparatórios da pesquisa e, a partir deles, começou-se a pensar como os adolescentes comunicam suas intenções sexuais e comentam sobre sua vida sexual na internet.

Um dos desafios do projeto *Adolescentes e sexualidade: identidades, mensagens e relacionamento afetivo-sexual através das redes sociais* foi operacionalizar, em um questionário, o que entendem os(as) adolescentes por “mensagem relativa à sexualidade”. Nos últimos três grupos focais preparatórios foram incluídas perguntas sobre como eles interpretariam

certas ações nas redes sociais, a fim de determinar quanto podiam associá-las com estas mensagens. Por exemplo, se colocou a discussão nos grupos focais: “Se uma pessoa posta em seu mural: Tenho a casa sozinho no fim de semana. Quem se interessa? e acompanha a publicação de uma foto própria. Isso tem a ver com a sexualidade?”. Frente a este e outros estímulos similares surgia o debate entre quem o interpretava como uma “insinuação sexual direta”, quem entendia que era uma espécie de “convite para organizar uma festa social” e quem simplesmente via um comentário sobre um fato da vida cotidiana.

As ideias reunidas nos grupos focais foram transferidas para o questionário da seguinte forma: “A seguir, vamos descrever atividades que podem ser realizadas através das redes sociais (principalmente Facebook e Instagram). Sobre cada ação, precisamos saber três coisas: a) Você acha que essa ação está relacionada à sexualidade das pessoas? b) Com que frequência você vê essas atividades nas redes sociais e outros sistemas de comunicação? c) Com que frequência você mesmo já realizou essas atividades? Abaixo foram listados 14 itens que foram classificados *a priori* teoricamente e pela equipe como: “Claramente relacionado à sexualidade”, “Medianamente relacionado” ou “Pouco relacionado” (os entrevistados desconheciam esta definição teórica).

Os resultados da pesquisa refletem, em boa medida, o debate que se produziu nos grupos focais e o que os participantes do estudo qualitativo declararam. Seguindo o exemplo colocado acima, um dos itens propostos no questionário foi, precisamente, “Dar um like ou outra reação positiva a um *post* que faz referência a uma pessoa ter a casa sozinha para o fim de semana”. Os resultados para este item foram que para 66% dos adolescentes este tipo de publicação tem relação com a sexualidade e 72% declaram ter visto este tipo de *post* em suas redes com uma frequência alta (ao menos cinco vezes no último ano). Ou seja, uma contundente maioria dos adolescentes atribui a este *post* um conteúdo sexual e o veem muito frequentemente em sua atividade on-line. Assim

mesmo, 41,2% declaram ter feito este tipo de postagem em algum momento no último ano e uma porcentagem similar (47,5%) expressa nunca tê-lo feito no último ano. Os números respaldam o que aparece nas entrevistas: por um lado, as possibilidades de seduzir através dos ambientes digitais foram parte dos roteiros sexuais de seu tempo, mas, por outro lado, nem todos participam ativamente deste roteiro, ainda que o conheçam.

Não é possível neste capítulo estender a apresentação dos resultados específicos de cada item, mas vale a pena comentar que resultados muito similares aos mostrados para o item anterior foram encontrados nas seguintes instruções: a) publicar comentários sobre como se sente com seu corpo (exemplos: estou bombado, estou lindo(a), deveria fazer dieta); b) conversar com amigos(as) sobre uma pessoa que você se interessa ou você gosta (não pessoalmente, por mensagem privada ou por WhatsApp); c) publicar fotos sobre a roupa que comprou ou a que vai usar para sair (jeans novo para a festa de sábado); d) pedir reações sobre como fica com determinada roupa (exemplo: de 1 a 10, como fico com este jeans?); e) enviar um convite a uma pessoa porque lhe agrada a foto de perfil ou mandar-lhe mensagem privada, ainda que não sejam amigos; f) dar um “like” ou outras reações positivas em fotos de uma pessoa que lhe atrai para que entenda que tem interesse nela; g) publicar comentários sobre o seu estado amoroso (exemplo: fiquei solteiro, buscando namorado).

A maioria dos adolescentes participantes considerou que estas instruções tinham algo ou muito a ver com a sexualidade (as outras 6 instruções que constituíam os 14 itens eram controle) com porcentagens que vão de 55% a 75% e, além disso, as tinham visto ao menos 5 vezes no último ano, em números que vão de 51% a 80%. Ou seja, as mensagens sobre sexualidade circulam com frequência na vida cotidiana digital dos(as) adolescentes e são reconhecidas como tais por eles(as). Referem a áreas tão diversas como a própria corporeidade, o interesse

por vínculos afetivos, a sua situação amorosa ou a comunicação com os pares de temas sexuais.

Em outras seções da pesquisa perguntou-se sobre outras formas de circulação de mensagens com potencial de gerar subjetividade e mudar os roteiros sexuais dos adolescentes. Um exemplo disso é o consumo de pornografia, que será comentado brevemente. Sessenta e seis por cento dos(as) adolescentes entrevistados(as) declaram ter visto pornografia. Vale destacar que a porcentagem que declara não ter visto é de apenas 18,3%, ficando o resto sem resposta. Este indicador exige necessariamente uma análise de gênero, frequência e idade. Como poderia esperar-se *a priori*, o consumo é distinto entre moças e rapazes. Eles veem pornografia ao menos uma vez por semana (60%), quase o triplo do que as mulheres e isso é consistente com os roteiros sexuais tradicionais para uns e outros, ou seja, aparentemente existe uma continuidade com o roteiro clássico. No entanto, esses 20% de mulheres que veem pornografia pelo menos uma vez por semana poderiam ser muito mais que em épocas anteriores à era digital, hipótese que parece bastante firme quando se analisa pesquisas sobre comportamento sexual, como a de Bajos e Bozon (2006), em que a diferença entre o consumo de pornografia no último ano entre homens e mulheres de 18 e 19 anos foi 5 a 1.

Quanto à idade de início, os 13 anos é a idade média, com um desvio padrão de 2,49, isto é, entre os 10,5 e os 15,5 anos. Não obstante, 14% viram pornografia com 10 anos ou menos e a hipótese mais firme é que, como os adolescentes acessam cada vez mais novos os smartphones, a idade de início tenderá a baixar, em especial entre os rapazes que consumam desde mais jovens (Sanjuán, 2020; Stanley et al., 2018). Na pesquisa de Bajos e Bozon (2008), para adolescentes franceses de 18 e 19 anos em 2006, eles encontraram uma idade de início do consumo de pornografia de 17,6 anos nas mulheres e 15,7 anos nos homens, cerca de 3 ou 4 anos mais velhos.

Alguns estudos apontam que as deficiências nos programas de educação sexual, sobretudo ao que se refere a práticas sexuais e ao erotismo, podem impulsionar os(as) adolescentes a buscar pornografia em idades muito cedo só por curiosidade. Por outro lado, as pesquisas sobre os efeitos da pornografia debatem sobre as consequências positivas e negativas do seu consumo, sem que exista um acordo a respeito. Todavia, há sim consenso quanto a que o consumo de pornografia em idades muito cedo, em um momento de desenvolvimento sexual como a puberdade e – pré-puberdade, é potencialmente perigoso (Dwulit e Rzymiski, 2019). Assim mesmo, acumula-se cada vez mais evidências sobre a influência que tem o consumo de pornografia nos roteiros sexuais da população em geral e, especialmente, dos adolescentes (Sommet e Berent, 2022; Williams, 2019; Bridges et al., 2016). Essa evidência supõe uma naturalização de roteiros violentos, especialmente a violência de gênero, uma reificação de parceiros sexuais e uma necessidade de novas experiências que podem se tornar compulsivas ou produzir angústia.

As práticas sexuais da era digital

Tanto a literatura científica internacional quanto os estudos nacionais têm apontado que as práticas sexuais mediadas digitalmente estão se tornando progressivamente “uma prática socialmente aceita entre os adolescentes, fazendo parte dos rituais de ‘conquista’ de um parceiro” (López, 2020, grifo do autor). Isso pode incluir o compartilhamento de material audiovisual produzido para fins de excitação, conversas eróticas escritas ou de áudio e até masturbação compartilhada por videochamadas.

O *sexting* (compartilhamento de fotos através de plataformas privadas de mensagens ou aplicativos de mensagens) tornou-se uma prática comum. Nas declarações dos adolescentes entrevistados, o envio

de fotos com conteúdo erótico-sexual (roupa íntima, partes do corpo ou nudez) através de meios eletrônicos é uma prática mencionada unanimemente. Embora alguns casos afirmem explicitamente que nunca o fizeram e, em várias entrevistas, esta prática seja descrita como “perigosa”, todos eles sabem disso e a maioria deles a realizou. As vinhetas a seguir refletem a diversidade de nuances que aparecem nas entrevistas e incluem homens e mulheres de todas as orientações sexuais no estudo:

Vídeos sim, fotos também. Telefonemas são raros, mas mais que tudo a sensualidade que vem com o diálogo, eu sou muito... eu vou por esse lado... literatura e conversas, e o erotismo na letra me parece muito sensacional, eu acho que tenho muita experiência aí (Alex, heterossexual, médio).

Para publicar, não (risos), mas às vezes para procurar, mas o normal... mas não tenho publicado. Fotos e vídeos, sim, mas procurando um relacionamento na internet não (Lucas, heterossexual, alto).

Para mudar minha foto de perfil, sim, para conversar e ir a encontros, sim, mas não para enviar fotos e coisas desse tipo. Elas me enviam, eu não lhes envio para não ficar tipo... “Manda você, eu não!” Elas mandam para mim por conta própria, eu nunca peço (Diego, heterossexual, médio).

Não, não, não, não... Bem, sim, sim. Com meu namorado recentemente ou quando não nos vemos por alguns dias, mas não depois. De repente troco fotos, alguns Boomerang, alguns vídeos, mas depois, não (Pilar, heterossexual, alto).

Não me sinto à vontade para fazer isso por celular. Para mim é um pouco frio e também me assusta um pouco, as fotos. Houve experiências que não foram tão boas e eu prefiro, tipo, não. Não por foto, não, nem por chat, não, não, não (Inês, heterossexual, médio).

(...) trocando fotos, vídeos, sempre com minhas parceiras. Não fiz isso com ninguém além delas, porque não se pode confiar muito nas pessoas (Ana, lésbica, SES baixo).

A fim de analisar a relação entre adolescentes e práticas de *sexting*, é necessário observar as diferentes posições que eles assumem frente a estas. Nas pesquisas sobre o tema, há duas variáveis comuns de análise: a posição em relação à produção e a relação com a pessoa com a qual a prática ocorre. Com relação ao primeiro, o(a) adolescente pode ser

produtor, receptor, ambos, ou nenhum dos dois. Em relação às pessoas com as quais a prática ocorre, elas podem ser estranhas, pessoas nas quais ele(a) está sexualmente interessado(a) ou parceiros(as) estabelecidos(as). Quase todas as combinações destas posições são vistas nas vinhetas acima: (a) rapaz de classe baixa que se declara receptor, mesmo sem pedir, de material produzido por garotas de seu interesse, sem lhes enviar material próprio; (b) menina de classe média que diz conhecer a prática e os perigos envolvidos, pelo que não a desenvolve; (c) duas outras garotas, uma heterossexual e uma lésbica, que fazem *sexting* como remetentes e receptoras, mas apenas com seus parceiros; (d) dois outros meninos que praticam *sexting*, não no âmbito de um relacionamento, mas em uma fase de busca.

Esta diferença entre garotas e garotos que se envolvem em práticas de *sexting* coincide com outras sobre suas vidas sexuais que já foram apontadas, e marca uma certa continuidade dos roteiros sexuais clássicos. Os adolescentes têm a prática associada à busca do prazer e de novas experiências, e as adolescentes a incluem principalmente dentro de seus relacionamentos de casal. Embora seja uma hipótese muito razoável pensar em uma continuação dos roteiros sexuais tradicionais, outra explicação possível para esta divergência seria um critério de cuidado. Considerando que as mulheres têm muito mais a perder do que os homens por vazarem material de *sexting*, seria razoável que elas reservassem a prática para pessoas mais confiáveis. O'Reilly *et al.* (2021: 158) apontam:

A troca de mensagens sexuais entre parceiros românticos pode beneficiar o desenvolvimento da identidade dos adolescentes, mas quando tais mensagens sexuais são distribuídas ao círculo mais amplo de pares sem consentimento, elas terão efeitos seriamente prejudiciais.

Na mesma linha, os dados da pesquisa e os grupos de discussão mostram que, embora o *sexting* tenha se tornado generalizado como parte das práticas sexuais regulares entre adolescentes, ele carrega riscos,

especialmente para as mulheres, devido à possibilidade de o material compartilhado chegar a destinatários não intencionais ou, no pior dos casos, tornar-se viral. Entretanto, embora reconhecendo o risco de *sexting*, a extensão da prática (que é muito comum), em comparação com a viralização (que é bastante marginal), parece indicar que os(as) adolescentes empregam estratégias bastante eficazes para evitar tais vazamentos (López, 2020). Com relação ao fato de as adolescentes serem mais cuidadosas com a prática, os dados da pesquisa mostram que 61,3% das que se envolveram em *sexting* o fizeram exclusivamente com seus parceiros, em comparação com 32,3% dos rapazes que relatam o mesmo. Em relação ao contato com pessoas que conhecem apenas pela Internet, 45,2% dos adolescentes que tiveram relações sexuais no último ano relataram ter feito isso, em comparação com 12,8% das adolescentes.

Que o material enviado em confiança seja divulgado é violento para qualquer pessoa que tenha produzido o conteúdo com outro propósito. Embora tanto adolescentes homens quanto mulheres possam estar envolvidos nesta situação, a diferença na vulnerabilidade reside no enraizamento social das diferenças de gênero que, apesar dos avanços em algumas áreas das entrevistas, continuam a permear os significados sociais comuns. A seguinte vinheta aponta diretamente para o núcleo do problema: as formas como a atividade sexual é vista por homens e mulheres. Mesmo que uma adolescente não queira ser influenciada por mandatos sociais de gênero, o efeito vital da viralização tem consequências muito maiores para ela por causa da persistência da desigualdade.

Bem, eu diria que o mais comum é a prática de passar fotos um para o outro, o que muitas vezes acaba prejudicando a mulher, porque existe um preconceito cultural de que uma mulher que quer foder é má e um homem que quer foder é bom, e então os parceiros ou ex-parceiros usam essa foto para arruinar sua vida social (Luis, heterossexual, médio).

Esta frase, proferida por um adolescente, denuncia esta persistência

de forma consciente: o preconceito, as consequências sociais negativas e a ameaça de violência de gênero (na forma de pornografia de vingança) resumem muito bem as implicações do problema.

Outra faceta violenta mencionada do *sexting* foi o recebimento passivo de material não desejado. Isto não é estritamente ao falar de *sexting*, embora a prática do ponto de vista operacional seja a mesma (envio de material para fins excitatórios), já que o *sexting* deve ser uma prática consensual e compartilhada, e quando é forçado, é vivido com muita violência. O *sexting* é uma atividade que não está localizada nas coordenadas clássicas de *aqui e agora*, o que não significa que seus efeitos devam ser subestimados, especialmente quando a prática é forçada. A história na seguinte vinheta aponta para uma das consequências deste tipo de experiência: o *ocultamento*.

Eu estava na casa do meu melhor amigo. Estávamos conversando e ele começou a fazer uma chamada de vídeo e eu estava no meu celular e comecei a receber chamadas e mensagens e mensagens e mensagens, e quando quis saber, eram fotos de uma pessoa conhecida do meu melhor amigo que estava me assediando sexualmente, e ele tirou fotos minhas e as enviava, e me contava de tudo, até que em certo momento eu disse “basta”, e tive que apresentar uma queixa contra essa pessoa, e desde então meu melhor amigo como que me mantém escondida, para que o mesmo que aconteceu comigo não aconteça de novo (Flor, heterossexual, baixo).

Neste exemplo, uma cena casual tornou-se a origem do assédio sexual mediado por ambientes digitais. A solução encontrada pelo amigo foi “escondê-la”, colocando-a em um lugar de um objeto a ser escondido, um lugar que é aceito pela adolescente como um mecanismo de proteção. Os ambientes digitais também constituem novos cenários onde a violência baseada no gênero se manifesta (López, 2020). Abordar este novo cenário é uma necessidade e, há alguns anos, tornou-se um campo de problemas abordados especificamente pela comunidade científica (Donoso Rubio e Vilà, 2018).

Assim como a adolescente que narra a vinheta, muitas outras

comentaram nos grupos de discussão sobre ter recebido material audiovisual de homens sem ter pedido, em alguns casos conhecidos e em outros desconhecidos. O fator comum nas histórias é a rejeição e o sentimento de terem sido violentadas. Os roteiros sexuais tradicionais incluíram violência e domínio masculino, assim como ocultação e vergonha para as mulheres. Estes fenômenos, que também são observados nas redes, não são gerados pela cultura digital: ao contrário, a cultura digital carrega os vícios clássicos da desigualdade de gênero.

Algumas reflexões finais

Ao longo deste artigo, o objetivo era apontar as novidades e continuidades que os ambientes digitais trouxeram para a vida sexual dos(as) adolescentes. Como novidades, destaca-se um aumento no horizonte de possibilidades, por um lado, de possíveis atividades sexuais e, por outro lado, de modelos com os quais se identificar. Novas práticas como *sexting*, conhecer pessoas através de aplicativos de namoro, o aumento do consumo de pornografia e a diminuição da idade inicial aparecem como novidades que os ambientes digitais trouxeram à socialização sexual e à subjetivação adolescente.

No entanto, as continuidades dizem respeito principalmente às desigualdades de gênero, que têm impacto sobre os riscos potenciais dessas práticas. A condenação social da atividade sexual das mulheres, a violência baseada no gênero manifestada em episódios de pornografia de vingança e *ciberbullying*, assim como a transmissão de roteiros sexuais violentos através da pornografia são os desafios mais importantes apresentados por esta nova realidade.

Apesar disso, os(as) adolescentes demonstram estratégias de autopreservação e também de cuidado com os outros, bem como discursos críticos sobre as desigualdades de gênero. Seria desejável que os programas de educação sexual, assim como os modelos adultos dos

adolescentes tenham mais conhecimento sobre essas questões e que possam ser estabelecidos diálogos produtivos entre gerações.

Referências

BERGER, P. L., LUCKMANN, T. *La construcción social de la realidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 1968. v. 975.

BOZON, M. A pesquisa sobre o comportamento sexual na França na era da Aids e sua continuidade. *Horizontes Antropológicos*, 8, 93-100, 2002.

_____. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

_____; BAJOS, Nathalie, *Enquête sur la sexualité en France. Pratiques, genre et santé*. Paris: La Découverte, 2008.

BRIDGES, A. J., SUN, C. F., EZZELL, M. B., & JOHNSON, J. Sexual Scripts and the Sexual Behavior of Men and Women Who Use Pornography. *Sexualization, Media, & Society*, 2(4), 2374623816668275, 2016.

DONOSO, T., RUBIO, M. J.; VILÀ, R. Adolescence in the Face of Gender Violence 2.0: Conceptions, Behaviors and Experiences. *Educ. XXI*, 21, 109-134, 2018.

DWULIT, A. D., & RZYMSKI, P. Prevalence, Patterns and Self-Perceived Effects of Pornography Consumption in Polish University Students: A cross-Sectional Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(10), 1861, 2019.

GAGNON, J., Y W; SIMON W. *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*. Chicago: Aldine, 1973.

HAMILTON, J. L.; NESI, J.; CHOUKAS-BRADLEY, S. Reexamining social media and socioemotional well-being among adolescents through the lens of the Covid-19 pandemic: a theoretical review and directions for future research. *Perspectives on Psychological Science*, 17(3), 662-679, 2022. Disponível em: <https://www.colibri.udelar.edu.uy/>

jspui/handle/20.500.12008/30526. Acesso em: 30 ago. 2021.

HYDE, J. S., Y DELAMATER, J. D. *Understanding Human Sexuality*. Nueva York: McGraw-Hill Education, 2007.

LÓPEZ GÓMEZ, A. (Coord.) Consideraciones conceptuales. In: A. LÓPEZ GÓMEZ; D. AMORÍN; L. BENEDET; E. CARRIL; L. CELIBERTI; C. GÜIDA; V. RAMOS; A. VITALE. *Adolescentes y sexualidad: significados, discursos y acciones en Uruguay. Un estudio retrospectivo (1995-2004)*. Montevideo: Cátedra Libre en Salud Reproductiva, Sexualidad y Género, Universidad de la República – UNFPA, 2005. Disponível em: LÓPEZ, P. *Violencia de género y acoso sexual en entornos digitales*. Acesso em: 20 mar. 2017.

_____; ESPASANDÍN, V. (Coords.). *Acoso sexual en los ámbitos laboral y educativo. Aportes hacia una propuesta de intervención*. Montevideo, UdelaR, 2018.

LÓPEZ, P. La sexualidad de los adolescentes y los entornos digitales. In: LIMA, N. L.; STENGEL, M.; NOBRE, M. R.; DIAS, V. C. (Orgs.). *Saber e criação na cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: PUC, 2020. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOMEARQUI20210318095817.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

O'REILLY, M., DOGRA, N., LEVINE, D., Y DONOSO, V. *Digital Media and Child and Adolescent Mental Health: A Practical Guide to Understanding the Evidence*. Londres: Sage, 2021.

SANJUAN, C. *(Des)información sexual: pornografía y adolescencia*. Madrid: Save the Children España, 2020.

SIMON, W., Y GAGNON, J. H. Sexual Scripts: Origins, Influences and Changes. *Qualitative Sociology*, 26(4), 491-497, 2003.

SOMMET, N.; BERENT, J. Porn Use And Men's and Women's Sexual Performance: Evidence from a Large Longitudinal Sample. *Psychological Medicine*, 1-10, 2022. doi:10.1017/S003329172100516X. Acesso em: 20 mar. 2017.

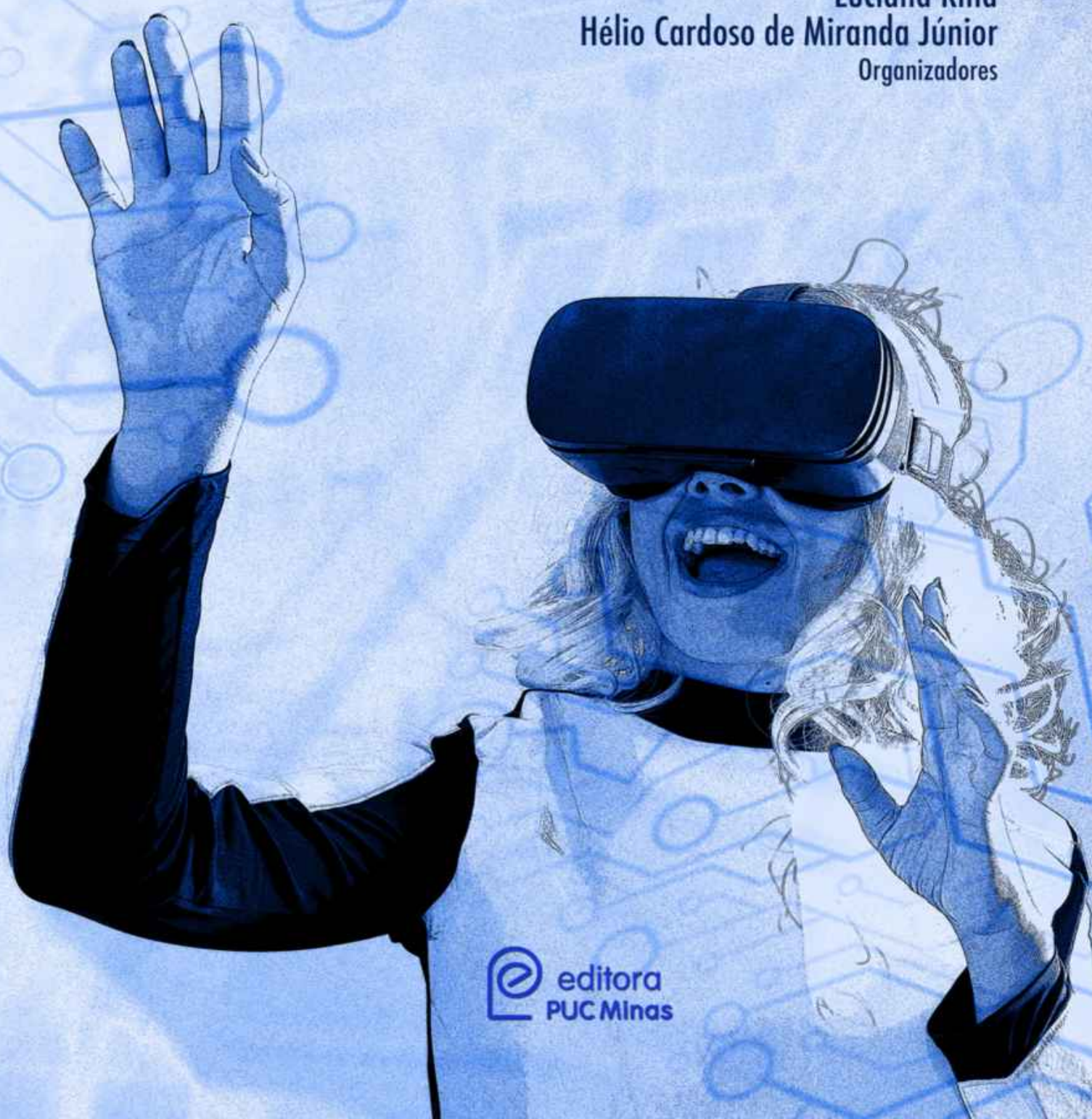
STANLEY, N., BARTER, C., WOOD, M., AGHTAIE, N., LARKINS, C., LANAU, A., & ÖVERLIEN, C. Pornography, sexual coercion and abuse and sexting in young people's intimate relationships: A European study. *Journal of interpersonal violence*, 33(19), 2919-2944, 2018.

STENGEL, M., MOREIRA, J. O., Y LIMA, N. L. O amor na internet: um encontro amoroso de um adolescente. *Psicologia em Estudo*, 20(2), 319-330, 2015. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v20i2.27407>. Acesso em: 20 mar. 2017.

WILLIAMS, Daniela. The Porn Crisis: This Generations Sexual Outlet. *Pop Culture Intersections*. 38, 2019. Disponível em: . Acesso em: 30 ago. 2021.

TECNOLOGIAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Márcia Stengel
Luciana Kind
Hélio Cardoso de Miranda Júnior
Organizadores



 editora
PUC Minas

TECNOLOGIAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

TECNOLOGIAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Márcia Stengel
Luciana Kind
Hélio Cardoso de Miranda Júnior

Organizadores

Editora PUC Minas
Belo Horizonte
2022

© Os organizadores

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Pe. Luís Henrique Eloy e Silva

Pró-reitor de Pesquisa e de Pós-graduação: Sérgio de Moraes Hanriot

Editora PUC Minas

Direção e coordenação editorial: Mariana Teixeira de Carvalho Moura

Comercial: Paulo Vitor de Castro Carvalho

Revisão: Cumbuca Studio e Thúllio Salgado

Diagramação: Luiza Seidel

Capa: Eduardo Ferreira

Conselho editorial: Conrado Moreira Mendes, Édil Carvalho Guedes Filho, Eliane Scheid Gazire, Ev' Ângela Batista Rodrigues de Barros, Flávio de Jesus Resende, Javier Alberto Vadell, Leonardo César Souza Ramos, Lucas de Alvarenga Gontijo, Luciana Lemos de Azevedo, Márcia Stengel, Pedro Paiva Brito, Rodrigo Coppe Caldeira, Rodrigo Villamarim Soares, Sérgio de Moraes Hanriot.

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

T255 Tecnologias e processos de subjetivação [recurso eletrônico] / organizadores:

Márcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda Júnior. Belo

Horizonte: Editora PUC Minas, 2022.

E-book (156 p.: il.)

ISBN: 978-65-88547-38-0

1. Tecnologia da informação. 2. Subjetividade. 3. Comunicação e tecnologia. 4. Mídia social. 5. Redes sociais on-line. 6. Interação social. I. Stengel, Márcia. II. Kind, Luciana. III. Miranda Júnior, Hélio Cardoso de. IV. Título.

CDU: 301.175.1

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Editora PUC Minas
Rua Dom José Gaspar, 500 – Prédio 6/Subsolo 3
Coração Eucarístico – 30535-901
Belo Horizonte – MG
Fone: (31) 3319-4791
editora@pucminas.br
www.pucminas.br/editora